



O ODISSEU

EDIÇÃO 005
JUNHO DE 2022

Aline Sulzbach estréia como colunista na Revista O Odisseu, com uma resenha sobre "As Parceiras", de Lya Luft.

100 anos de "Ulysses"

Daniel Orsini escreve sobre a obra de James Joyce: "Um livro **essencialmente humano** e **consequentemente humanizante**"

"NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO", Ewerton Ulysses Cardoso escreve sobre a multiforme persona de Fernando Pessoa.

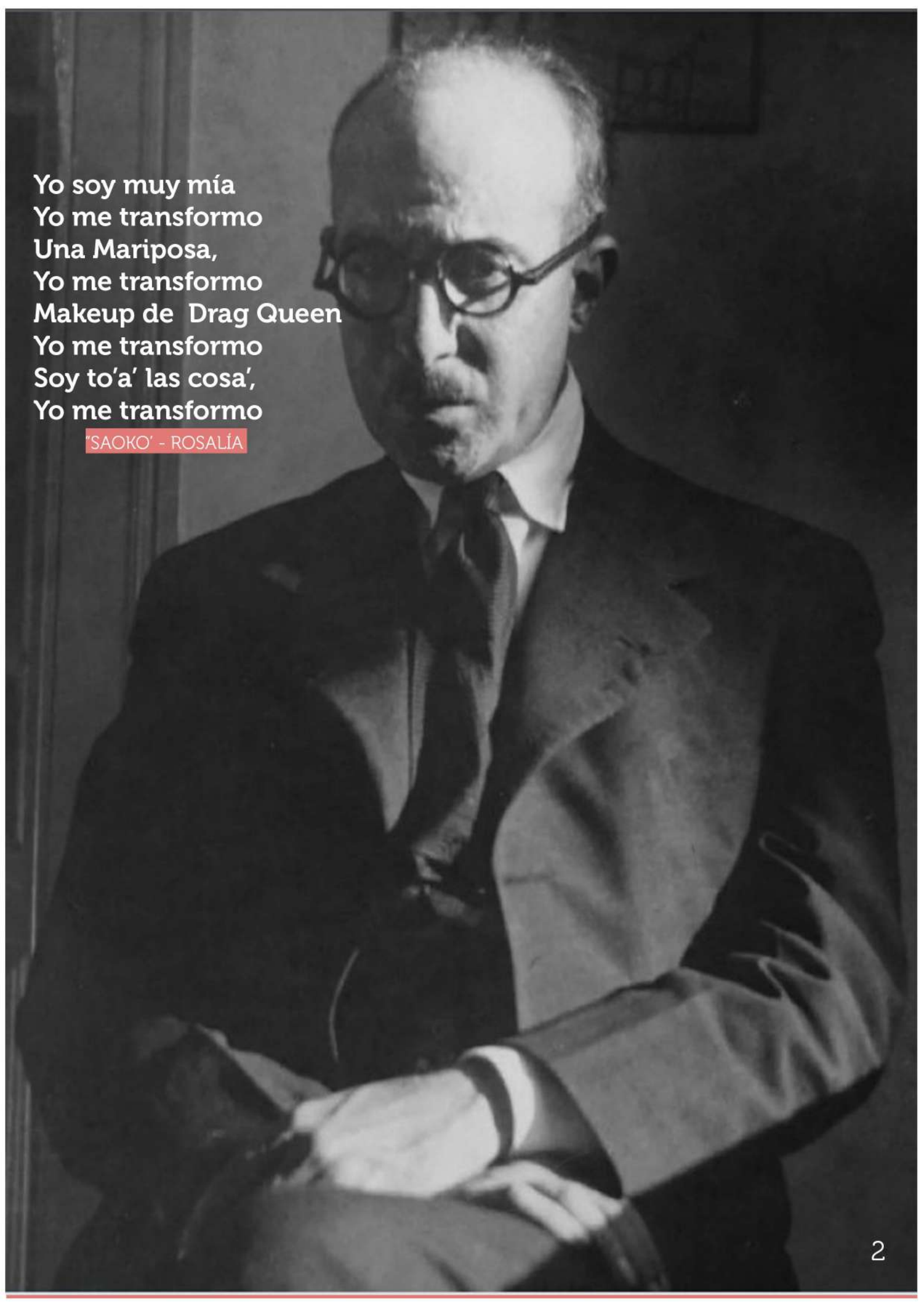
— Meu Deus, ele disse baixo. Não é que o mar é bem aquilo que o Algy diz: uma doce mãe cinzenta? O mar verderranho. O mar encolhescroto. Epi oinopa ponton.

Ah, Dedalus, os gregos! Eu tenho que te ensinar. Você precisa ler no original.

Thalatta! Thalatta! É a nossa doce mãe imensa. Vem ver.

James Joyze - Ulysses
(Companhia das Letras)





Yo soy muy mía
Yo me transformo
Una Mariposa,
Yo me transformo
Makeup de Drag Queen
Yo me transformo
Soy to'a' las cosa',
Yo me transformo

'SAOKO' - ROSALÍA

Arte de Maicon Aquino
(@aquinart)



“Não sei quantas almas tenho”

Escrever sobre Fernando Pessoa em junho não é pura associação barata, uma tentativa de significação vazia da existência de alguém a uma data, a um momento histórico. Desacredito que o poeta português, entusiasta da astrologia, desconhecia o poder de uma data importante. E existe bastante profundidade nisso, nessa significação toda que nós hoje, no século XXI, nos esforçamos para rejeitar (ao menos entre os intelectuais e ditos letrados). Esses, rejeitam qualquer hipótese de ocultismo, de mistério, de percepção do sagrado, e adotam o ateísmo, o agnosticismo, o cientificismo como sinônimos de avanços da mente. Certamente para esses Fernando Pessoa não seria considerado um intelectual nato, nem Hilda Hilst, nem Clarice Lispector, nem... Fernando Pessoa fez o horóscopo de todos os seus heterônimos uma vez que todos já eram nascidos. Os encontrou no significado da posição dos astros e encontrou a si mesmo. Lia o horóscopo com frequência, da mesma maneira que Clarice Lispector visitava as cartomantes do Rio de Janeiro. Ambos morreram sem saber que morreriam, pois nem Pessoa encontrou sua

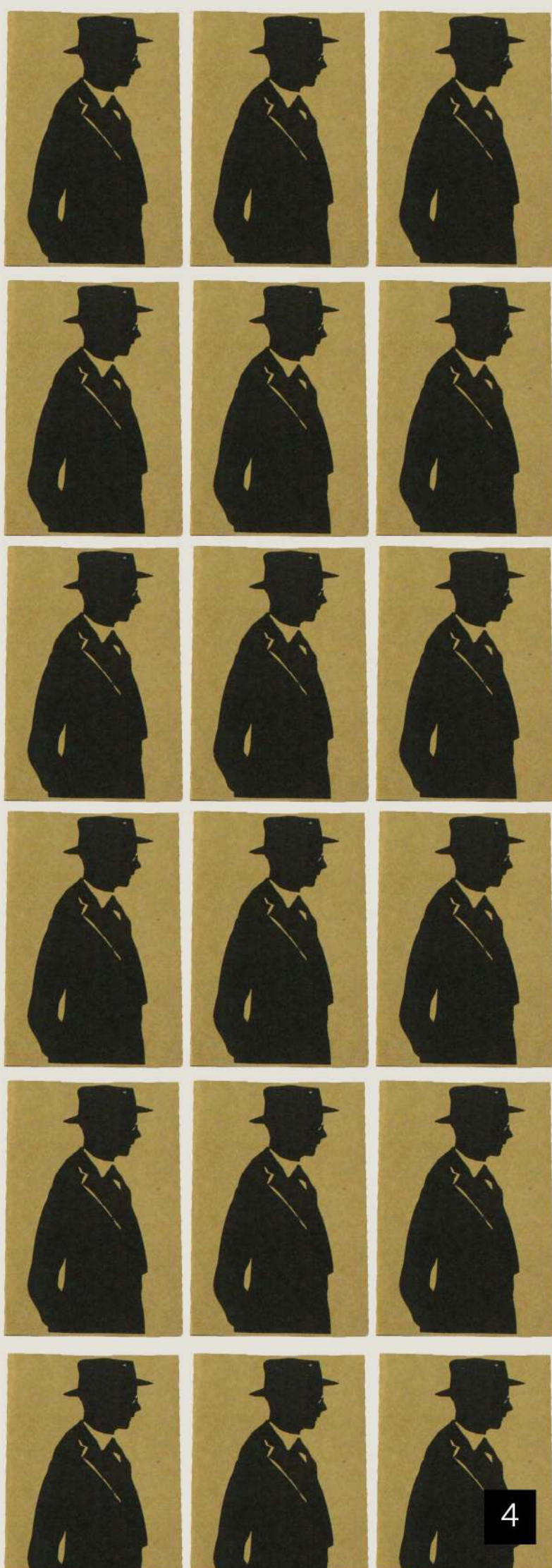
morte nos astros, nem Clarice nas cartas.

Ademais, Fernando Pessoa de fato foi não apenas intelectual, mas aquele que cumpriu os estereótipos do ser pensante que os dessa geração desejam ser. E o foi sem expectativa de ser, sem o pensamento de ser, sem o desejo de cumprir tabela: não se apresentou como tal, apenas foi. Foi tímido, recolhido, introspectivo, solitário, incompreendido, doente, prolixo, leu muito, escreveu muito. O Acervo Pessoa registra mais de 100 heterônimos de Fernando Pessoa e mais de 30 mil escritos. Até hoje se acha papéis avulsos de Fernando Pessoa e já não se sabe exatamente onde encaixá-los. O "Livro do Desassossego", sua obra mais pessoal, não termina, e é a Bíblia dos desiludidos do amor.

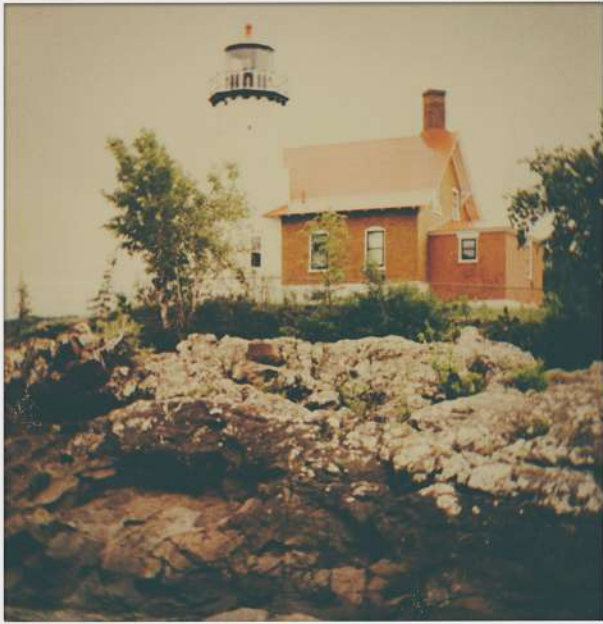
Li "O Livro do Desassossego" em 2020, no auge da pandemia, no isolamento. Lembro que o livro traz profundas reflexões sobre o sono, que me era um tema recorrente nas sessões de psicanálise. Assim como eu, Fernando Pessoa não dormia, e já tinha desistido de tal coisa. Ainda assim, demonstrava demasiado interesse por esse estado de inconsciência. Ao que me parece, é exatamente nesse momento, nesse estado de desapego, nessa incapacidade de mandar em si mesmo, que nos encontramos com nossa mais profunda essência. Talvez seja esse o "neutro" que G.H buscava, essa vida sem ensaio, essa coisa fluída, para não deixar de falar de Clarice Lispector.

As coisas, em determinado momento de nossas vidas, se tornam como imagens de sonhos, de pensamentos, e já não se diferencia aquilo que ocorre em pensamento com o que de fato vemos e sentimos empiricamente (Descartes me ensinou isso). Era nesse estado que Bernardo Soares, heterônimo autor do "Livro do Desassossego", se encontrava com Fernando Pessoa e lhe ditava as palavras. Pessoa apresenta esse heterônimo como aquele que mais o representa em sua subjetividade, e eu penso que o que se pode dizer sobre Bernardo Soares é que ele era de fato Fernando Pessoa, mais do que aquele que andava em vigília pelas ruas de Lisboa. Era ele, a dor intensa, o incômodo, as fraquezas, era ele!

Os outros não sei de onde nasceram, mas foram muitos paridos pela mente inquieta do Poeta Português. Pariu Fernando Pessoa não apenas seus heterônimos, mas muitos outros escritores e poetas que escrevem sobre aquilo que a alma sente. Pariu-me, que senti que nasci pela primeira vez quando li Fernando Pessoa.







MEMÓRIAS

Aline Félix

22 de maio de 2022

Querido Diário,

Então hoje começo a escrever um diário... por onde será que começo?

Pensei em começar contando sobre essas últimas semanas, foram realmente intensas... dengue, corrida, COVID, natação, trabalho, gripe, família... não, melhor não, vou deixar esses assuntos para depois, são muito triviais e, alguns, nem sei se quero me lembrar.

Melhor começar contando sobre o que me motivou a anotar minhas memórias, afinal, deve ser para isso que os diários existem, certo, para garantir que após alguns anos ainda nos lembremos de situações vividas, dos sentimentos que nos moviam, da pessoa que éramos.

Pois bem, vamos lá então.

Há algumas semanas eu cheguei na casa da minha avó e a cuidadora dela me contou que pela manhã ela havia feito a seguinte pergunta: - Quem eu sou?

Esse questionamento mexeu muito comigo, fiquei pensando como eu responderia se ela tivesse feito a pergunta para mim, se eu contaria da vida que ela teve, dos filhos, do marido, netos ou se transformaria um pouco a história, enchendo com um pouco de magia e emoção. Mas o que me pegou mesmo foi pensar na angústia que deve ser não lembrar de quem se é ou quem você foi, as coisas que fez, as pessoas que amou, os livros que leu, os sabores que experimentou.

Casualmente (ou não) após esse episódio, surgiram vários podcasts e leituras sobre o assunto.

Um dos podcasts foi O Nome do Livro, episódio #16 Literatura e Memória, onde o pessoal que fez esse bate papo falou sobre livros que tem a memória como tema

central. Foi um programa ótimo, com dicas incríveis. Uma das dicas foi o livro O Gigante Enterrado, de Kazuo Ishiguro, sobre uma cidade que é acometida por uma névoa que causa o esquecimento e um casal que sai dessa cidade em busca do filho. Entrou para minha lista. Mas o que despertou mesmo essa ideia do diário foi o livro A Sociedade dos Sonhadores Involuntários, do José Eduardo Agualusa, onde o personagem Hossi Apolônio Kaley perdeu parte das suas memórias ao morrer pela segunda vez. Em um dos trechos ele diz o seguinte: "-Perder a memória não é o mesmo que perder um braço - disse-me.- Quando perdemos um braço sabemos que perdemos um braço. As pessoas olham para nós e sabem que perdemos um braço. Com as memórias, não. Não sabemos que as perdemos, ninguém dá conta, mas, como as perdemos, alguma coisa no nosso espírito deixa de funcionar." Depois disso, começamos a acompanhar parte dos seus dias, através de um diário.

Ainda sobre memória, estou lendo (sim, dizem que ler mais de um livro ao mesmo tempo é bom para a memória, não custa tentar, né?) O Retrato do Artista Quando Jovem, do James Joyce, que conta as memórias de Stephen Dedalus, sua infância e adolescência, os ritos de passagem, suas descobertas e transformações. Enfim, mais memórias.

Mas e as minhas memórias? O que quero guardar? Quais quero lembrar? Posso também escolher as que quero esquecer? Escrever as memórias, será sobre isso, será uma escolha, um filtro sobre o que a gente quer manter? Talvez seja. Então, um dia, se eu esquecer quem sou, favor me lembrar, querido diário. Diga-me simplesmente: - Você é uma leitora curiosa. Leia e você vai lembrar quem você é.





Quase não sinto nada além de saudade

Lili Baillargé



Imagens do The
New York Public
Library. Disponível
no Banco de Fotos
Unsplash.

Acordei no silêncio de um quarto com uma única vida, a minha, mais uma vez, mais uma outra vez em dois anos, um pouco mais. Há dias em que desejo por segundos, mas com fervor que ainda fosse por causa do vírus, esse vírus que abriu em muita gente o buraco que há muito tive instalado. Gostaria de poder dizer ainda que era por estar sendo responsável, responsável comigo, responsável com o outro, responsável por tentar reduzir a quantidade de buracos. Há conforto em não ter opções.

Eu achei que tinha me curado dessa coisa, desse desespero, que tinha enfim mergulhado na paciência de esperar pelo dia em que poderia sair daqui outra vez, sair dessa cidade, que já não fala mais sobre mim, que já não fala mais comigo, essa cidade onde virei uma matéria estranha antes mesmo de decidir partir. Está de volta a urgência, está de volta o desespero, o desespero de ter retornado, a urgência de cair fora daqui desse quarto que é só um retalho, de tudo que está envolta dele, dessa cidade que já não me ouve, em que já não tenho qualquer relevância.

Achava que tinha me curado de sentir essa saudade doída, corrosiva, cercada, longe daqui, de tanta coisa que eu amava, que me movimentava, que me ouvia, agora vejo que era fácil rir ao lembrar de quem não via há tanto tempo, era fácil rir dos momentos com a pessoa ausente quando tinha tanta coisa presente para me ocupar não importasse o tamanho da falta que sentisse.

Agora o que tenho são dias iguais, com livros e cardápios diferentes. Acordo sozinha, coloco uma música, demoro na cama, demoro no banho, pego um livro, experimento essas vidas, preparo a comida, volto ao solidão, depois banho, preparo outra vez, solidão, banho, livros, redes, um bate-papo de internet e durmo, e se repete, e se repete, muda o livro, a comida, e o papo que carece de muita coisa

que só a presença poderia oferecer: cheiros, sabores, uma imagem despixelada e sem atraso, uma voz não eletrônica, um roçar de pele contra pele, de coração com coração nesses apertos que já dei tantos. Em tudo falta, em muito não há nada, quase não sinto nada além de saudade.



Ulysses: o melhor livro do mundo?

Daniel Orsini

Escutei falar pela primeira vez do Ulysses quando tinha uns 20 anos. O que me deixou mais intrigado foi o mistério de extremos contido no livro: o paradoxo de ser uma história que se passava em um dia contada em mil páginas enquanto se apropriava de tudo quanto é técnica literária. Como essas horas se inchariam e jorrariam trama afora até ocupar tantas palavras e frases? E como tantos estilos se misturariam em uma única coisa de forma coerente? Peguei aquele calhamaço em uma livraria, o negócio pesava quilos, era diferente de segurar qualquer outro livro. Sem dúvidas, o sentimento que primeiro me levou a ler Ulysses foi uma sensação de desafio.

Passei os dois ou três meses seguintes afundado no livro e na Dublin de James Joyce. Descobri, enfim, como que os personagens principais de Ulysses, o prático Leopold Bloom e o escolástico Stephen Dedalus, esticavam aquelas horas do famoso 16 de junho, hoje comemorado como Bloomsday. Dedalus acorda naquela manhã na torre em que anda dormindo com dois colegas. Não tem um puto no bolso e tampouco muita mais paciência com seus towermates, um dos quais teve um pesadelo e acordou de madrugada dando tiros a esmo. Ele vai sair para seu dia em Dublin sem nenhuma intenção de voltar para a torre e também sem ter para onde voltar. O Bloom a gente encontra de manhã já desperto preparando o café da manhã para sua deslumbrante esposa, a Molly, que ainda está na cama. Nem o gato da casa parece dar trela para o homem. Leopold não vai demorar a sair de casa e também terá seus motivos para adiar o quanto conseguir sua volta. Enquanto o herói da Odisseia homérica faria de tudo para voltar para casa, em Ulysses teremos um protagonista em constante hesitação sobre a volta e outro que sequer tem casa.

Flanando por Dublin, Bloom e Dedalus se ocupam de coisas mil. Sem identificar quem faz o quê (podendo os dois tomarem parte na atividade), um dos dois: toma porre, arrecada fundos para funeral, dá aula, teoriza sobre Shakespeare, se apaixona brevemente à beira do mar, dá a mais belamente descrita cagada da literatura ocidental, compra pornografia barata, participa de uma espécie de correio elegante de longa duração, especula sobre o lugar do homem no universo, quase leva pedrada na jaca, sofre preconceito extremo, é extremamente preconceituoso, vira uma cidade (!?) e muito mais.



Entendi tudo do que li? Não. Nem de perto. Tem uma cena muito famosa em que o Dedalus tá bebaçoo na biblioteca e eu nem percebi isso em minha primeira leitura. Passei reto. Isso fez com que eu não gostasse do livro? Nem um pouco. O Ulysses funciona como esses mistérios graduais, que você não consegue entender todo de uma vez, mas em que boa parte do prazer da leitura está nesse ficar à vontade aos poucos. Depois de ler o monumental último capítulo, o monólogo ininterrupto de Molly Bloom, a Flor da montanha, eu fiquei com uma desconfiança estranha: a de que aquele viraria meu livro preferido. E virou. Foi um processo. Eu ainda iria lê-lo muitas mais vezes, em partes e corrido, Dublin ainda tinha muitas ruas para eu gastar sapato.

Deu que uns dois anos depois eu estava morando em Curitiba, vivendo de umas aulas particulares que dava de física e matemática, e fiquei sabendo que o Caetano Galindo iria dar uma matéria na pós-graduação da Letras sobre o Ulysses. Isso foi em 2011 e ele ainda não tinha

publicado sua tradução do livro, a que saiu pela Penguin-Companhia, e agora novamente em edição comemorativa pela Companhia das Letras. Eu me inscrevi na matéria como aluno externo e aquele foi um momento que mudou para sempre minha vida como leitor. Assistir às aulas do Galindo me ensinou a ler o Ulysses (e me ensinou a ler intransitivamente, mas isso é outro papo) sob uma outra chave que não a do desafio, a da estética literária, a da complexidade. Naquelas aulas eu aprendi a ler o Ulysses como um livro essencialmente humano e conseqüentemente humanizante.

Foi ali que percebi que as complexidades, mudanças de estilo e pontos de vista, fluxos de consciência e pirotecnias

mil que o Joyce usa não estão ali à toa, ou não estão ali por virtuosismo (ao menos não somente). As técnicas utilizadas no livro permitem que o Joyce explore de múltiplas maneiras os muitos lados de seus personagens, as muitas dimensões. É como se de um círculo pudéssemos ver uma esfera e depois de uma esfera algo de dimensão ainda maior, e assim sucessivamente, com cada novo olhar ressonando com todos os anteriores.

Poucas vezes me senti tão humanamente conectado com personagens quanto com os do Ulysses, e eu tenho certeza de que o fato de ele ser uma leitura lenta, construída com múltiplos olhares, com muitas camadas, tem a ver com isso. Eu tenho a impressão de que o Joyce sabia muito bem o que estava fazendo, e fez o Ulysses de uma maneira que ele é absorvido de uma maneira diferente dos outros livros. Os personagens são absorvidos de um jeito único. Eles ganharam na minha cabeça um status bem bizarro de real.

Depois que fiz essa matéria, em 2011, não parei mais de ler o Ulysses. Não sempre. Não mais ele todo de uma vez. Mas vira e mexe um capítulo ou outro, um trecho aqui, outro ali. Virou um livro que sempre tem que estar fácil na biblioteca. Meu capítulo atual xodó é o escrito todo em drama, um dos mais loucos do livro e que admito que, em minha primeira leitura, eu quase que entrei no modo automático lendo, entendendo muito pouco e simplesmente querendo acabar o mais rápido possível.

Eu não consigo falar: o Ulysses é meu livro preferido porque acho ele o melhor livro já escrito. Do jeito que vejo as coisas, até duvido que tal frase tenha sentido. E falando bem sinceramente, às vezes eu até me sinto vendido. Eu gostaria muito que meu livro preferido fosse brasileiro. O que mais leio é literatura brasileira, é o que costumo mais gostar, o que tipicamente mais me dá prazer. Mas o fato é que o Ulysses é o livro que até hoje me faz sentir mais humanamente conectado, me faz

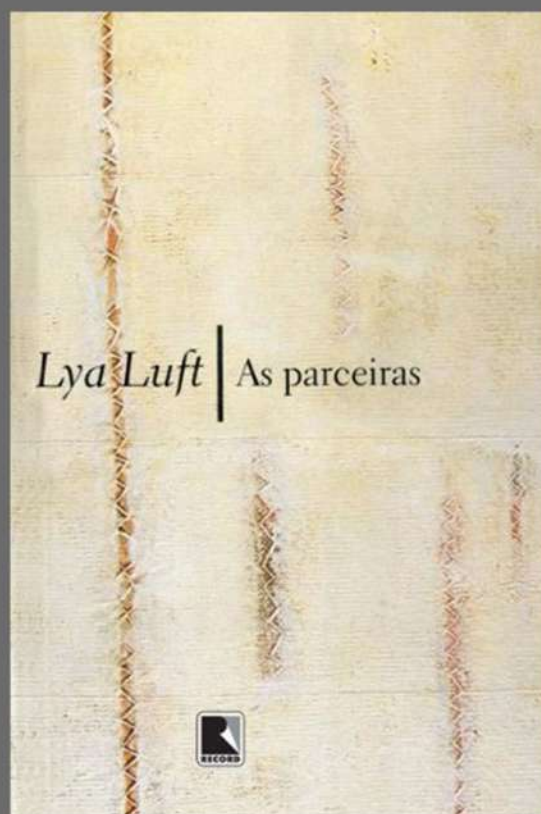


sentir mais humanamente conectado, me faz sentir menos sozinho, me faz sentir perceber com uma intensidade inesperada a experiência humana na vida comum. É um livro que me faz bem. Eu acho sinceramente que eu seria uma pessoa pior sem o Ulysses em minha vida. No fim, Ulysses foi muito maior do que esperava, muito mais do que aquele um quilo e meio que segurei nas mãos com vinte anos.

Lia Luft



(1938 - 2021)



"As Parceiras", de Lya

Luft Aline Sulzbach

Estou chegando como nova parceira da querida Revista O Odisseu. Confesso que estava esperando esse convite e minha cartinha chegou, ou melhor, em tempos modernos o convite chegou via whatsapp. Acompanho cada edição mês a mês. Tenho carinho pelo lindo trabalho realizado em nome da divulgação (fofoca) do amor à literatura.

Durante alguns dias olhei os meus livros na estante, biblioteca onde trabalho e no Kindle e fiquei em dúvidas por onde estreitar a minha parceria com a revista. Decidi começar a parceria fazendo o link com o nome do livro "As parceiras".

O livro "As parceiras" escrito pela Dama, Diva ou Musa da literatura brasileira Lya Luft. Sim, vou puxar saco da conterrânea gaúcha, que viveu bem os seus 83 anos e infelizmente no apagar das luzes do ano de 2021 (30/12) nos deixou. Lya nos deixa fisicamente e permanece viva em cada leitor que saboreou a sua obra.

O livro "As parceiras" foi lançado em 1980 e apresenta Lya como romancista ao grande público. Esse é o primeiro romance dela. Estreou nos romances arrasando. Livro pequeno na quantidade de folhas (127 f.) e gigante na construção da narrativa.

Li o livro durante algumas das minhas viagens de transporte público nos deslocamentos de casa para o trabalho e trabalho para casa. Em poucas viagens devorei cada palavra e não conseguia abandonar. Ainda bem que não perdi nenhuma das paradas.

Trata-se de um romance sobre mulheres. Narrado pela

protagonista Anelise que vê a sua vida diante do caos e do abismo. Anelise decide mergulhar na sua história familiar como forma de conhecer a si. A trama desenvolve-se em 7 dias de uma semana, iniciando no domingo e concluindo a narrativa no sábado.

A árvore genealógica é composta por 7 mulheres: Catarina von Sassen (avô), Sibila ou Bila (tia), Dora (tia), Beatriz ou Beata (tia), Norma (mãe), Vânia (irmã) e Anelise (narradora). Ao longo do livro conhecemos cada uma das protagonistas e a narrativa é do ponto de vista de Anelise. O olhar sensível sobre cada uma dessas mulheres, suas conexões, semelhanças e diferenças.

As mulheres da família trazem em suas memórias os medos, angústias, loucura, morte, separações, tortura psicológica, interrupção da infância, estupro entre outras fortes emoções. Emoções que marcam com ferro e fogo a alma dessas mulheres. Esse é um livro para ser lido quando não estamos muito sensíveis e contém gatilhos de alerta. Ao mesmo tempo traz uma narrativa forte e delicada sobre a história dessas mulheres.

Existem frases marcantes na narrativa. Destaco "Hoje, sei todos os detalhes que há para saber sobre sua vida, mas a verdade perdeu-se entre aquelas paredes." (LUFT, 2003, p. 13).

A motivação para a leitura foi justamente ser um livro com narrativas sobre mulheres e escrito por uma mulher. Conhecemos profundamente as motivações de cada uma das personagens.

Deixo o meu convite para que realize a leitura de "As parceiras" e conclua o livro com vontade de abraçar cada uma dessas mulheres. E depois me conta o que achou. Estou no @pausasparaleitura no Instagram.

Siga-nos no Instagram

[@o_odisseu](#)

Contribua com o nosso
trabalho!

[\(revistaoodisseu@gmail.com\)](mailto:revistaoodisseu@gmail.com)

pix